

Pesquisa arqueológica na Casa da Hera – Vassouras / RJ¹

Camilla Agostini²; Rosana Najjar³

Resumo

Este trabalho tem como objetivo divulgar as atividades realizadas no projeto de pesquisa arqueológica na Casa da Hera, em Vassouras / RJ. Seu contexto é o das chácaras no entorno de Vassouras, ocupada por uma família abastada em meados do século XIX. Com as escavações foi identificado um depósito de lixo, datado da mesma época, que revelou aspectos do cotidiano da família Teixeira Leite, então moradora do local. O consumo do chá e do café são abordados particularmente, fazendo uma aproximação ao universo feminino, no contexto de ocupação da chácara.

Palavras- chave: Vassouras, Chácara oitocentista, Ritual do chá

Abstract

The aim of this paper is to describe the activities of a research project carried out in Casa da Hera, Vassouras/RJ. The site is comprised of remnants of a countryside house occupied by a wealthy family during the middle nineteenth century. Excavations identified a garbage pit containing artifact remains which revealed some aspects of the Teixeira de Leite family daily life. The consumption of tea and coffee is analyzed from

¹ Projeto financiado pela 6ª SR IPHAN

² Doutoranda em História – UFF. camilla_agostini@yahoo.com.br

³ 6ª SR IPHAN. Av. Rio Branco, 45/510. Rio de Janeiro - RJ

the standpoint of the female universe, in the context of the occupation of the house.

Key words: Vassouras, House from 18th century, Tea ritual

Introdução

A pesquisa na Casa da Hera, uma chácara oitocentista localizada na cidade de Vassouras / RJ, se desenvolveu no ano de 2006, como iniciativa do Escritório Técnico de Vassouras / 6ªSR-IPHAN, com coordenação de Rosana Najjar arqueóloga da 6ªSR e supervisão de Isabel Rocha, arquiteta responsável pelo ET / Vassouras. Foram realizadas escavações e análises no Laboratório de Arqueologia da 6ªSR, principalmente do material cerâmico e vítreo.

A pesquisa teve como objetivo detectar e compreender o modo de descarte de refugos domésticos daquela ocupação, como também, compreender o superartefato arquitetônico, principalmente no que se refere aos seus limites, isto é, seus muros internos e externos de delimitação das fronteiras sociais e políticas. O objetivo principal foi o de caracterizar o modo de vida das classes abastadas que optavam por morar em chácaras nos arredores das cidades, no interior fluminense.

Para esse estudo, seguimos as dimensões temporal, espacial e a característica de deposição do refugo segundo indica Hodder (1994) para uma análise contextual. Nesse sentido, procurou-se relacionar o histórico de ocupação da casa com o lixo encontrado no seu entorno (lixeira, material carreado, material abandonado, etc.), considerando sua localização e conteúdo (Tocchetto, 2004). Na análise da dimensão temporal também foi utilizado o Método South para datação do material cultural móvel (South, 1978; Lima, 1989; Symanski, 1998). Observando a dimensão espacial, foi avaliada a disposição dos vestígios

em relação a implantação do artefato arquitetônico, ou superartefato (Handsman e Leone, 1995).

Por fim, foi analisada a única lixeira doméstica localizada pela pesquisa, bem como foi estudada parte da coleção arqueológica proveniente dela. Assim, apresenta-se a seguir um breve histórico da ocupação da casa, os principais vestígios móveis e imóveis detectados a partir das escavações, e por fim, a análise do material referente ao consumo de chá e café procedentes da referida lixeira.

Breve histórico de ocupação da Casa

Há controvérsias sobre a construção e a primeira ocupação da Chácara. Temos pelo menos cinco registros de seus primórdios. Os dois primeiros são notícias de Jornal que sugerem que o Barão de Itambé teria sido o seu primeiro ocupante. A primeira notícia data de 1930, quando então deu-se a morte de Eufrásia Teixeira Leite, neta do referido Barão. A segunda diz que a chácara teria sido herdada por Joaquim José Teixeira Leite e, em seguida, por sua filha Eufrásia. Esta segunda notícia se equivoca quando chama o Barão de Itambé, Francisco José Teixeira, pelo sobrenome de Leite Ribeiro, sendo este o sobrenome de seu sogro José Leite Ribeiro. Este engano nos faz questionar a precisão da informação nesta notícia.

Catharino (1992:37) faz menção a uma pesquisa realizada pela professora Marilda Corrêa Ciribelli sobre a Casa da Hera, sem explicitar suas referências. Menciona a construção da casa como sendo de 1820 e traça a mesma genealogia dos ocupantes, do Barão ao filho Joaquim, e, em seguida, a sua filha Eufrásia. O autor menciona ainda uma conferência dada por Edgard Teixeira Leite em 1981 dizendo que a casa foi construída em 1830 pelo próprio Joaquim Teixeira Leite, que teria feito parte, *...do grupo pioneiro, vindo de Minas Gerais,*

onde seus pais acumularam vastos recursos na mineração de ouro, iniciando a cultura cafeeira, na província do Rio⁴.

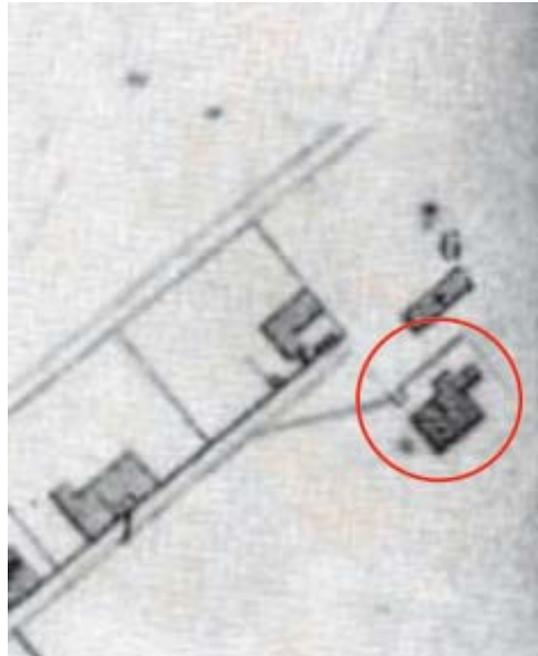
Em 1836 a casa da chácara aparece no mapa de Vassouras,⁵ o documento cartográfico mais antigo da cidade, assim como da chácara. Vale lembrar que a cidade é fundada em 1833, sendo a chácara provavelmente dos primeiros anos de sua fundação, senão mais antiga⁶. De toda forma, na década de trinta a chácara já estaria sendo ocupada, fosse por Joaquim José Teixeira Leite, fosse por seu pai, fosse por algum primeiro ocupante desconhecido. Nesta planta de 1836 a casa aparece representada no mapa com sua inclinação original e em forma de U na encosta de uma colina.



Casa da Hera - Vassouras, 1836
(SILVIA TELLES, 1968)

A ocupação é certa na década de 1840. Joaquim casa-se com Ana Esméria

Corrêa e Castro em 1843, e o casal tem suas duas filhas já como habitantes da chácara em 1845 e 1850. Em 1858/61 é feita outra planta da cidade, e lá está ela, beirando a sua periferia, a casa desta vez ampliada, formando um quadrado com dois anexos, ao que tudo indica, a cozinha e a senzala. É somente a partir dessa iconografia que encontram-se representados os muros de delimitação da propriedade.



Casa da Hera, 1858/61
(SILVIA TELLES, 1968)

A família vive nesta casa por três décadas, 1840, 1850 e 1860. Nesse tempo Joaquim José Teixeira Leite veio a ocupar vários cargos públicos e a liderar movimentos para a modernização das relações empresariais. Era um capitalista, e ao que consta nunca aceitou títulos nobiliárquicos, apesar dos pais, sogros e irmão serem barões⁷. Investia em fazendas de café e ações. Foi advoga-

⁴ Vale do Paraíba, passado e futuro. Conferência de Edgard Teixeira Leite, em 10/12/1981, publicada em *Carta Mensal*, no. 325/6, 1982 cit. Catharino, 1992:50.

⁵ Mapa de Vassouras, 1836, em *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, 1967, pp. 24, 25.

⁶ Para uma história de Vassouras, v. especialmente Stein, S. (1990).

⁷ Apesar de não ostentar títulos, ostentava um aparelho de jantar de mais de duzentas peças todas brasonadas com suas iniciais.

do, exercera cargo de juiz, e presidira atividade cívicas e religiosas (Catharino, 1992: 48).

O tempo que morou a família Teixeira Leite na Casa da Hera foi um tempo de muitas festas, como sugere o guia do Museu ao citar uma carta de Joaquim ao Conselheiro Belisário, datada de 1865: *Diga a Chiquinha que não é só no Botafogo que se diverte a gente: as moças aqui tem se regalado de saraus* (Gonçalves, 1995: 12).

No início da década de 1870 morre o casal (Ana Esméria em 1871 e Joaquim no ano seguinte) deixando as duas filhas com 27 e 22 anos, ambas solteiras. No inventário de D. Ana Esméria de 1871, constam que a família contava com o serviço de 21 escravos, doze mulheres e nove homens. Em seu testamento ela liberta três escravos, deixando-lhes uma mesada.

Em 1873 as duas irmãs partem juntas para a Europa, estabelecendo-se por cinco décadas em Paris. Em 1899 morre a mais velha, Francisca Bernardina, e, em 1923, Eufrásia volta solitária ao Brasil, passando temporadas de um, dois ou três anos na chácara.

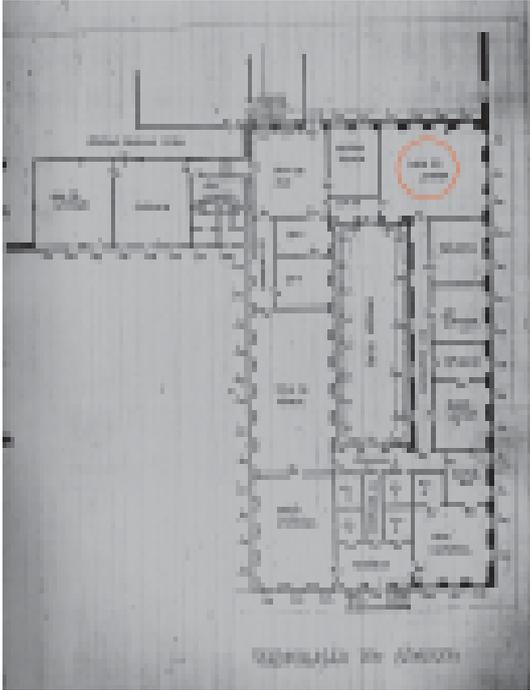
Durante os anos de 1873 e 1923 a casa teria permanecido fechada, sendo de certa maneira utilizada pelo caseiro/zelador e sua família⁸. As fontes consultadas não informam quem teria ficado cuidando do local nas décadas de 1870 e 1880. Sabe-se que Manoel da Silva Rebello plantou em 1887 a hera que reveste a casa até hoje. Provavelmente

foi nesse ano que Manoel começou a trabalhar na chácara. Trabalhou lá por 36 anos, morando com sua esposa e três filhos.

Logo antes de Eufrásia voltar da Europa, Manoel deixa de trabalhar na chácara, passando Eufrásia a tratar com seu primo Júlio Corrêa e Castro sobre os afazeres da casa por correspondência. De volta da Europa Eufrásia volta a frequentar a chácara por sete anos, vindo a falecer em 1930. Os jornais diziam que ela voltara da Europa muito recolhida, com amizades poucas e seletas. A descrição das peças que continham em cada cômodo da casa, como consta no inventário, sugere que a casa se não estivesse em obras, estava com seu lado esquerdo praticamente inutilizado, com cômodos abrigando material de construção. Do lado direito estariam os quartos em uso, assim como a sala de jantar que roubou o piano do salão de festas ou do salão encarnado. Sendo essas três as salas de receber socialmente. A sala de jantar, contudo, encontra-se distante da área social e relativamente distante da cozinha, estando bem no meio da parte íntima da casa. Além disso, a vista da janela da sala de jantar é das senzalas. Justifica-se esta localização como uma adaptação necessária depois da obra que transformara a forma da casa originalmente em U em um quadrado. Há uma dúvida sobre a área de cozinha, dispensa e quarto para criados. Manoel da Silva Rebello diz em uma das suas cartas que estava habitando num dos cômodos dentro da casa, próximo à cozinha⁹.

⁸ No inventário de Eufrásia constam pequenas casas espalhadas pelo seu terreno, provavelmente de uso de trabalhadores. Por outro lado, nas cartas do caseiro Manoel da Silva Rebello para Eufrásia este reclama a falta de trabalhadores, dizendo contratar alguns camaradas do seu próprio bolso, sugerindo que como trabalhador fixo residente seria apenas o caseiro e sua família (carta de 2 de abril de 1907). Não há vestígios das tais casas ou registro de qualquer reclamação por uso capião de determinada moradia ou terreno. Em carta ao seu primo Júlio Corrêa e Castro, de 19 de julho de 1923 Eufrásia diz que espera "que os trabalhadores não lhe causem aborrecimentos e trabalhem bem", dizendo ainda que a chácara devia estar mal tratada: "imagino tudo ressuscitado graças da libertação dos miseráveis que tiveram por tanto tempo esta pobre chácara de baixo do seu jugo!" Estaria ela falando do Manoel e sua família? Ainda sobre os trabalhadores Eufrásia diz em carta de 30 de julho de 1926 que está "muito contrariada por receber notícia que os empregados não tem sido pagos..."

⁹ Em carta de 8 de fevereiro de 1921 Manoel fala dos "dois cômodos que ocupo e uma sala perto da cozinha". A Planta apresentada abaixo consta do acervo da Casa da Hera.



Sem descendentes, Eufrásia doa todas as terras da Chácara da Hera, mais o terreno de uma chácara vizinha para as irmãs do Sagrado Coração de Jesus, com a condição de que as irmãs preservassem a casa intocada, guardada, sem uso, assim como de que elas construíssem uma escola para meninas órfãs. Raul Fernandes, testamenteiro de Eufrásia, fica tomando conta da chácara até que as irmãs tomassem posse e faz algumas obras de manutenção, conservação e a obra de adaptação da senzala.

É então construído, em 1941/2, o colégio Regina Coeli, em Vassouras, no terreno ao lado das terras da Chácara da Hera (antiga chácara do Dr. José de Paiva Magalhães Calvet, e depois do Dr. Ataliba de Zana). A condição de Eufrásia era a construção de um *instituto profissional para instrução e educação gratuitas de 50 meninas pobres que serão recolhidas até a maioridade civil...*

oferecendo *instrução primária completa, assim como o ensino profissional doméstico nas suas diversas modalidades, como sejam lavar, ingomar, cozinhar, coser, cortar, bordar, etc.*¹⁰. Uma outra condição era que os pretos Herculano e Francisco continuassem a residir nas dependências da Chácara da Hera.

Durante a época de funcionamento da escola foi incorporada ao seu complexo a área da senzala da Chácara da Hera. A cozinha acabou por ficar em ruínas e as senzalas a se transformar em cômodos com janelas, indo ocupar um casal de italianos até antes de 1984.

Em 1952 o conjunto é tombado, sendo assumido pelo IPHAN em 1965, sob a guarda de Silva Telles e Eurico Calvente. A partir de então a casa vira um museu. Em 1984 instala-se no local o Escritório Técnico - 6ª SR/IPHAN, aonde vem funcionando há duas décadas, sob a responsabilidade de Isabel Rocha¹¹.

Grosso modo temos a seguinte cronologia de ocupação da Casa da Hera, arqueologicamente identificável:

- 1) primeiros anos de ocupação incerta na década de 1830;
- 2) ocupação da família Teixeira Leite, Joaquim José, sua esposa e duas filhas, além de 21 escravos, nas décadas de 1840, 1850 e 1860;
- 3) por duas décadas – 1870 e 1880 – a casa fica fechada, desconhecendo-se quem seria o responsável por seus cuidados;
- 4) por mais três décadas – 1890, 1900, 1910 – a casa continua fechada, sob os cuidados de Manoel da Silva Rebelo, o caseiro;
- 5) em recolhimento, Eufrásia, uma das filhas de Joaquim José Teixeira Leite, passa a ocupar a casa em tempora-

¹⁰ Eufrásia deixa igualmente uma grande quantia para a construção de um instituto profissional masculino, com o objetivo de “dar instrução primária completa e o ensino profissional das artes mecânicas e suas diversas modalidades”. Testamento de ETL, s.d.

¹¹ A maior parte do material arquivístico pesquisado foi cedido pelo Escritório Técnico de Vassouras que realiza pesquisa sobre a ocupação da casa. Aqui agradecemos a Isabel Rocha que generosamente compartilhou conosco seu conhecimento.

- das na década de 1920;
- 6) nas décadas de 1930, 1940 e 1950 a casa permanece fechada e o terreno vizinho é ocupado pelo colégio para meninas órfãs, aos cuidados das irmãs do Sagrado Coração de Jesus;
 - 7) da década de 1960 a 2000 dá-se a ocupação pelo IPHAN, com o funcionamento do Museu Casa da Hera.

Os vestígios

Os muros de delimitação da chácara com a rua constam do referido mapa de 1858/1861, e supõe-se que vestígios de muros nos fundos da casa, que provavelmente delimitam uma área social da chácara, sejam contemporâneos a estes primeiros. Foi no encontro de muros antigos (de seus vestígios) e no entorno imediato das dependências da casa que se concentraram as atividades de escavação.

Apesar de no entorno imediato serem frequentes os vestígios de superfície, não foram detectadas áreas de concentrações de material, não indicando assim uma prática de descarte imediato, “jogando o lixo pelas janelas”, ou permitindo o acúmulo de lixo junto a casa. Já nas áreas de encontro de muros, mais afastadas da casa, foram identificadas concentrações consideráveis de artefatos. Foram escavadas três áreas nesta situação. A primeira delas localizada nos fundos da casa, em muros que possivelmente delimitavam a área social da chácara (área AVII). Nesta área, apesar de ter sido detectado material predominantemente do século XIX, não foi evidenciada uma grande concentração do mesmo.

A outra área foi a de encontro dos muros (área AIQII) de delimitação da chácara (do muro atual com o antigo muro que fechava em ângulo), onde foi detectada uma estratigrafia perturbada,

com material do século XIX misturado com do século XX, indicando tratar-se de um aterro com entulho no local. Nesta área foram encontrados também vestígios de uma estrutura de pedra retangular (2m x 0,80m), com sua frente voltada para a rua Dr. Fernandes Jr., apresentando-se bem conservada estruturalmente, construída em “canjicado”¹² e apresentando vestígio de emboço, o que significa que foi uma construção que foi terminada. A parte lateral e posterior da estrutura, contudo, apresentaram-se como aglomerados de pedra desordenados, nos levando a questionar a função da mesma estrutura. Em fotografia provavelmente da virada do século XIX para o XX aparece ao fundo da foto da mesma rua onde encontra-se a estrutura uma pequena construção na beira da estrada. Ao que parece a estrutura de pedra seria o alicerce desta construção sobre a qual não



Estrutura na beira da rua

temos maiores informações.

Por fim, na única subida de acesso à entrada da casa, no vértice dos antigos muros de delimitação, foi detectada uma grande concentração de material datado de meados do século XIX (área AIQI). A grande concentração do lado de fora do terreno da chácara, colada aos muros, a estratigrafia regular e as características do material – de se apresentar em grandes fragmentos, sugerindo não

¹² Canjicado é uma técnica de muros de pedra seca preenchido com pedras miúdas, conforme identificado por Isabel Rocha nos muros da Chácara da Hera.



Rua de acesso à casa

serem rolados ou pisoteados – sugerem um depósito de lixo doméstico.

A análise do material confirmou a datação do refugo. A presença de 36,4% da louça com decoração borrão azul do tipo mais intenso (mais antigo), assim como padrões mais antigos, ainda que em baixa percentagem, como o *shell edge* azul inciso e um fragmento de faiança portuguesa, nos remetem a um período mais antigo, de pelo menos a primeira metade do século XIX. A ausência de louças do século XX sugere que a lixeira foi selada ainda no século XIX, seja por enterramento intencional, seja por depósito de terra de forma natural. O baixo percentual de *creamware* sugere um contexto de meados do século XIX para o final, já que a utilização deste esmalte foi feita até as primeiras décadas do século XIX. O percentual relativamente baixo de *whiteware* igualmente sugere um contexto de século XIX. O refugo, embora aparentemente de meados do século XIX, apresenta peças de fim de século, na virada para o século XX, como os vidros de coloração ametista que foram analisados quimicamente. Aplicando a fórmula South para este refugo (South, 1978, v. tb. Symansky 1998a, 1998b, Lima, 1989) verificou-se uma data média de 1854 para as louças e 1855 para os vidros.

Vale uma nota sobre a análise química dos vidros de coloração ametista. Foi realizado um experimento com sete

amostras de vidros com essa coloração procedentes de três áreas de escavação. A literatura consultada justifica que a cor não é um bom critério para datação ou classificação, já que não existe

uma relação direta entre cores e tipos de vidros; [a cor] não está relacionada à tecnologia de produção; ser somente fracamente relacionada a função do objeto; poder ser influenciada pelo calor do forno e o número de vezes que o vidro é reaquecido e raramente poder atuar como indicador cronológico (Symanski, 1998).

No entanto, Paulo Santos (2005) observa que vidros com coloração ametista podem ser resultado da exposição do manganês ao sol. Entre 1875 até a primeira Guerra Mundial (ou 1888 e 1915) foi utilizado o manganês em larga escala como agente descolorante. Como nota o autor, o artefato descolorido com manganês assume uma coloração ametista quando exposto ao sol por tempo prolongado. Nas áreas da lixeira, do muro da rua que apresentou a estratigrafia perturbada, e do encontro dos muros nos fundos da casa foram encontradas peças e fragmentos com essa tonalidade e foram feitos testes químicos para a verificação se este material é de fato um bom indicador cronológico. Para isto contamos com a ajuda da química Neuvânia Ghetti¹³.

Foram realizados 7 ensaios por via úmida; com as substâncias em solução aquosa. É possível perceber a ocorrência de reação ao Iodeto de Potássio pela formação de precipitado ou pela mudança de cor. As amostras de 7 exemplares foram então trituradas, dissolvidas em água destilada, decantadas (sem que fosse necessário filtrá-las). Foi então adicionado o iodeto de potássio, que é transparente e em reação com o manganês torna a solução amarela (caso não haja o manganês a solução permanece transparente). O resultado deste experimento não foi instantâneo, permanecendo as 5 amostras transparentes. O

¹³ Agradeço à química Neuvânia Ghetti pela prestativa análise dos vidros em questão.

próximo passo foi deixar a solução em repouso por alguns dias para ver se a reação demoraria mais tempo para acontecer.

De uma maneira geral observou-se que não é possível dizer que um vidro cor de ametista tem necessariamente Manganês, já que uma das amostras não reagiu. Apenas com testes químicos é possível determinar a presença do Manganês, ainda que haja uma grande chance da sua presença se confirmar em vidros com esta coloração.

Por outro lado observou-se que tanto as amostras da lixeira quanto as da área de encontro de muros, na rua, apresentaram o Manganês, obtendo uma data média para produção dos artefatos de 1875-1ª Guerra Mundial ou 1888-1915. Este resultado ajuda-nos a datar principalmente a lixeira cuja data média, como se viu, é de 1854/5. Apesar desta data média, com o resultado deste experimento, pode-se dizer que há presença de artefatos posteriores a 1854, chegando próximo ao século XX na lixeira.

Nota-se, no depósito de lixo identificado, a baixa frequência de utensílios cerâmicos se comparados com as louças. Isto sugere, junto a relativa baixa frequência de ossos também constatada, que o lixo mais diretamente ligado à cozinha não foi detectado e talvez esteja para fora dos limites da chácara. Um local em potencial para investigação talvez seja o outro lado do muro nos fundos do chamado Pátio dos Negros – área nos fundos da cozinha. Observa-se, nesse sentido, a prática de jogar o lixo “para lá do muro”, como mostra a lixeira da entrada da chácara, ou a prática recente das irmãs vizinhas à Casa da Hera de jogar o lixo no vizinho, “para lá do muro”.

Foi, portanto, esta lixeira o principal objeto de análise, permitindo uma melhor contextualização do material exumado. Foram identificados materiais cerâmicos (cerâmica, faiança fina, ironstone e porcelana), vítreos (observando uma alta incidência de garrafas de bebi-

da), metálicos e ósseos. Com a ressalva sobre a baixa frequência de vestígios alimentares e objetos para produção de alimentos como panelas.

Entre o material escavado chama atenção um cachimbo “garra de águia” em argila caolinítica (trata-se de uma garra de águia ou galinha segurando um ovo que vem a ser o forninho do cachimbo). Peças com este padrão de decoração são de interesse de colecionadores atualmente. Pode ser encontrado em contextos do século XIX e XX. Esta decoração em garra de águia parece ser de origem austríaca e feito em *meerschau* (espuma do mar), matéria prima rara encontrada na Ásia Menor e com as reservas mais puras em apenas uma cidade na Turquia. A peça encontrada trata-se, provavelmente, de uma cópia destes cachimbos, em argila caolinítica. Outros dois exemplares, também em argila, foram encontrados em sítios do século XIX, no Espírito Santo, pela prof. Irmild Wust. É difícil atribuir a quem pertenceu esta peça, já que apesar de ser uma decoração encontrada originalmente na Europa e Ásia Menor, também tem seu motivo em cachimbos de indígenas norte-americanos. A princípio descartamos a sua atribuição a escravos. Quanto aos escravos, apenas um cachimbo enegrecido com um padrão de decoração geométrico recorrente nos sítios históricos do século XIX, e algumas peças de jogo feitas a partir da reciclagem de fragmentos de faianças finas, podem ser atribuídas a eles.

Análise das louças – o consumo do chá/café na Casa da Hera

Este refugo da lixeira permitiu algumas aproximações ao cotidiano da família Teixeira Leite, especialmente ao universo feminino do consumo do chá e café. A área que compreende a lixeira apresenta cerca de 60% da amostra de louça decorada recuperada em todas as

áreas escavadas pelo projeto. Sendo que cerca de 60% das louças recuperadas nesta área estão ligadas à prática do consumo de chá e café, enquanto que cerca de 21,5% e 18,5% do material estão ligados à mesa e cozinha no primeiro caso e à higiene no segundo.

Dentre as peças arroladas nesta área 82 são decoradas (em 403 fragmentos) e 69 brancas (em 824 fragmentos). Vale notar a dificuldade de se estabelecer o NMP (número mínimo de peças) para a louça branca, o que explica o grande número de fragmentos.

Uma observação a ser feita é a alta incidência de porcelana branca, contudo isto não significa um maior poder aquisitivo necessariamente, pois as peças são raramente feitas em porcelana fina, mas numa porcelana grosseira, semelhante ao *ironstone*. A ausência da porcelana chinesa pode ser explicada pelo declínio da sua exportação na década de 1850 (Lima, 1997), contudo, os indícios sobre a prática do consumo do chá e café nos abrem outras possibilidades que veremos a seguir.

Foi-nos possível constatar que além da louça branca estar destinada para os serviços de chá e jantar, estão as louças decoradas nos padrões *Transfer Printed* e Borrão Azul. Outros padrões aparecem destinados apenas para uma ou outra atividade, como os padrões *Willow* e *Shell Edge* destinados aos serviços de almoço e jantar, enquanto que os padrões policrômico, *Annular Ware*, Floral pintado à mão e faixa e friso aparecem apenas em aparelhos ligados ao consumo do chá e café.

Com a quantificação dos padrões de decoração e tipos de peças observa-se uma maior parte destinada ao consumo do chá, se comparada com a aparelhagem de mesa e cozinha decoradas, já entre as brancas a aparelhagem de mesa e cozinha supera aquelas destinadas ao chá e café. Mais de 70% das peças de chá são decoradas, enquanto que 40%

das peças para jantar são decoradas.

Um grande número de peças ligadas ao consumo do chá (prática refinada cultuada pelas elites), no entanto, está representada por louças mais populares, de nível dois na escala de Miller (Miller, 1980), especialmente a *cut sponge*, e de nível 3, pintada à mão. E, como se pode notar, a percentagem de porcelana fina – material refinado comumente associado a peças de aparelho de chá – foi relativamente baixa. Constatamos assim o pouco refinamento da aparelhagem de chá e café apesar da sua alta frequência.

A alta percentagem da porcelana branca associada à mesa e cozinha nos leva a crer que os aparelhos de almoço e jantar com decoração fossem usados apenas em ocasiões especiais, sendo de pouca circularidade e por isso descartados em menor quantidade, enquanto que os de chá eram preferencialmente enfeitados. No entanto, como vimos, a aparelhagem de chá é em sua maioria adquirida em padrões decorativos mais baratos.

A primeira vista diríamos que a louça mais cara decorada, estaria sendo investida para um ritual eminentemente social como o ritual do chá. No entanto, quando observamos os padrões destinados exclusivamente para esta atividade, nota-se que trata-se de padrões mais baratos como os diversos tipos policrômicos ou o *annular ware*. Padrões de custo mais alto, como *transfer printed* e borrão azul aparecem em ambas aparelhagens (chá e almoço/jantar). Assim, as mais caras e as mais baratas aparecem para chá e para almoço/jantar.

Outro ponto observado é que não há indícios de pires fundo para chá, não indicando assim a prática inglesa oitocentista de se tomar o chá diretamente no pires, como observa Lima (1997) em outros contextos brasileiros. Existe um número maior de malgas e xícaras do que

pires, e dentre as malgas e xícaras são mais expressivas as malgas.

Conclui-se desta análise que o ritual do chá/café era uma prática muito mais íntima, cotidiana, usando uma aparelhagem mais barata, do que uma prática social de ostentação. A mesma autora observa que a prática de receber para tomar o chá da tarde foi introduzida no Brasil só no final do século XIX. Podemos nos perguntar se uma casa com muitas mulheres significou uma alta sociabilidade familiar, uma vez que a louça em alta frequência para o consumo do chá, em padrões decorativos mais baratos, sugere uma incorporação da prática no âmbito doméstico e não social.

Na Casa da Hera, o ritual do chá socialmente estaria muito mais ligado ao seu consumo após as refeições (aparelhagem de almoço e jantar e para chá nos mesmos padrões), do que aos eventos exclusivos para tal, como seria o chá da tarde inglês, apesar do hábito de receber especialmente para o chá não se verificar como uma atividade social proeminente em meados do século XIX (Lima, 1997).

Um fato a ser comentado é a alta frequência de garrafas de vidro (champanhe, vinho, etc.). Também foram encontrados taças e copos, embora a frequência desses achados não tenha sido tão alta quanto a de garrafas. Supõe-se que o alto consumo de álcool deveu-se a eventos sociais frequentes na chácara, no entanto, pode-se pensar na hipótese de não haver na família o hábito da reciclagem de garrafas, resultando na alta frequência de descarte das mesmas.

Conclusão

A partir das análises temos alguns pontos que nos auxiliam na formulação de conclusões: a lixeira pesquisada é doméstica, mas não representa descarte diretamente ligado às atividades de confecção e cocção de alimentos, isto

é, de cozinha. Não foi localizada pelo projeto, apesar das intensas buscas, a lixeira com características de refugio de cozinha.

Baseado nas análises das louças, podemos considerar que a lixeira doméstica pesquisada está relacionada com um período de uma ocupação de 30 anos – décadas de 1840, 1850 e 1860 –, o referente ao período de ocupação da família Teixeira Leite. Nesse período habitavam a casa o casal e duas filhas. Também a partir dessas análises, observou-se que essa família, apesar de politicamente poderosa e abastada, não possuía louça para o consumo de chá e café condizente com seu status social.

Baseado no exposto, e levando em conta que o hábito do chá das cinco, enquanto momento de libertação da mulher ou de encontro social mais formal, somente se dá no final do século XIX (Lima, 1997), consideramos que as evidências apontam para o fato do hábito da família Teixeira Leite de tomar chá estar ligado a vários momentos, como sua utilização como digestivo após às refeições, mas principalmente pela manhã ou em algum outro momento de socialização doméstica.

A lixeira identificada encontra-se localizada na parte de fora do muro limítrofe da propriedade, adjacente ao único acesso da residência. Observa-se, nesse sentido, a prática de jogar o lixo “para lá do muro” dos ocupantes da Casa da Hera daquela época (costume praticado ainda hoje pelo vizinho, que joga o lixo no terreno da chácara, “para lá do seu muro”).

A presença de um único acesso para uma casa pertencente a uma família importante mostra que tanto os visitantes mais nobres quanto os serviços a utilizavam, inclusive servindo de lixeira. Este fato pode ser justificado pela topografia, mas nenhuma fonte consultada aborda esse tema.

Documentação primária

Inventário de Dona Esméria Teixeira Leite, 1932, incluindo testamento de 1871 e inventário de 1872, *Transcrição pertencente ao arquivo da Casa da Hera*, original do CDH-FESS, em Vassouras.

Inventário de Joaquim José Teixeira Leite, 1873, incluindo testamento de 1872, *Transcrição pertencente ao arquivo da Casa da Hera*, original do CDH-FESS, em Vassouras.

Testamento de Eufrásia Teixeira Leite, s.d. , *Transcrição pertencente ao arquivo da Casa da Hera*, original do CDH-FESS, em Vassouras.

Inventário de Eufrásia Teixeira Leite, 1930, *Transcrição pertencente ao arquivo da Casa da Hera*, original do CDH-FESS, em Vassouras.

Cartas de Manoel da Silva Rebello à Eufrásia Teixeira Leite, *Transcrição pertencente ao arquivo da Casa da Hera*, original do CDH-FESS, em Vassouras.

Cartas à Julio Corrêa e Castro, de Eufrásia Teixeira Leite, *Transcrição pertencente ao arquivo da Casa da Hera*, original do CDH-FESS, em Vassouras.

Referências Bibliográficas

- BRANCANTE, E.F. 1981. *O Brasil e a cerâmica antiga*. São Paulo.
- CATHARINO, E.J.C.R. 1992. *Eufrasia Teixeira Leite*. Fragmentos de uma existência. Edição do autor, Rio de Janeiro.
- COYSH, A.W. & HENRYWOOD, R.K. 1982. *The dictionary of blue and white printed pottery, 1780-1880*. Antique Collectors Club.
- CUSHION, J. 1982 (1974). *English Porcelain*. London: Charles Letts Books Limited.
- GODDEN, G.A. 1980 (1966). *An illustrate encyclopaedia of British pottery and porcelain*. London: Barrie & Jenkins.
- GONÇALVES, E. 1995. *Museu Casa da Hera*. Rio de Janeiro: 6ª SR/IPHAN.
- HANDSMAN, R.G.E & LEONE, M.P. 1995. Living history and critical archaeology in reconstruction of the past. In: PINSK, V. & WILIE, A. (eds.) *Critical traditions in contemporary archaeology*. Albuquerque, University of New Mexico.
- HODDER, I. 1994 (1986). *Reading the past Current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge University Press.
- JONES, O. & SULLIVAN, C. 1989. *The Park Canada Glass Glossary: for the description of containers, tableware, flat glass, and closures*.
- LIMA, T.A.; FONSECA, M.P.R; SAMPAIO, A.C.O.; NEPOMUCENO, A.F. & MARTINS, A.H.D. 1989. Aplicação da fórmula South a sítios históricos do século XIX. *Dédalo*, São Paulo, n.27.
- LIMA, T.A. 1997. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material*, vol.5, Nova Série, São Paulo.
- MILLER, G. 1980. Classification and economic scaling of 19th century ceramics. *Historical Archaeology*, n.14.
- ROCHA, I. s.d. Relatório da Chácara da Hera. Documento não publicado, da 6ª SR/IPHAN.
- SANTOS, P. 2005. *Contentores de bebidas alcoólicas: usos e significados na Porto Alegre oitocentista*. Dissertação de mestrado, PUCRS, Porto Alegre.
- SCHAVELZON, D. 1991. *Arqueologia histórica de Buenos Aires*. Buenos Aires: Corregidor.
- SILVA TELLES, A.C. 1968. Vassouras, Estudo da Construção Residencial Urbana. *Separata da Revista do IPHAN*, vol. 16. Rio de Janeiro.

Agostini, C.; Najjar, R.

SOUTH, S. 1978. Evolution and horizon as revealed in ceramics analysis in historical archaeology. In: SCHUYLER, R.L. (Ed.) *Historical Archaeology: a guide to substantive and theoretical contributions*. New York, Baywood Publishing Company Inc.

STEIN, S. 1990. *Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

SYMANSKI, L.C. 1998. Bebidas, panacéias, garrafas e copos: a amostra de vidros do Solar Lopo Gonçalves. *Revista de Arqueologia*, vol.11.

_____. 1998. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre, EDIPUCRS.

TOCCHETO, F. et al. 2001. *A faiança fina em Porto Alegre*. Vestígios arqueológicos de uma cidade. Porto Alegre, EU/Secretaria Municipal de Cultura.

TOCCHETO, F. 2004. *Fica dentro ou joga fora?* Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista. Tese de doutorado, PUC-RS.

VOGEL, A.I. 1981. *Química Analítica Qualitativa*. Trad. Antonio Gimeno. 5.ed. São Paulo: Mestre Jou.

ZANETTINI, P.E. & CAMARGO, P.F.B. s.d. *Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles?* Mimeografado

Sítios na Internet

http://www.blm.gov/historic_bottles/dating.htm

<http://brasilcult.pro.br/objetos/cachimbo/animais.htm>

<http://www.meerschaum.com/>